

CURRÍCULO, VERDADE E DISPUTA: PERFORMATIVIDADES DA “VERDADEIRA EDUCAÇÃO CATÓLICA” SOB A PERSPECTIVA PÓS-CRÍTICA

CURRICULUM, TRUTH, AND PERFORMATIVITY: A POST-CRITICAL ANALYSIS OF “TRUE CATHOLIC EDUCATION” IN INSTITUTIONAL DOCUMENTS AND DIGITAL MEDIA

CURRÍCULO, VERDAD Y DISPUTA: PERFORMATIVIDADES DE LA “VERDADERA EDUCACIÓN CATÓLICA” BAJO LA PERSPECTIVA POSCRÍTICA

Roberta Valéria Guedes de Lima¹, Cláudia Pinheiro Nascimento²

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4305

Recibido: 21/01/2026| Aceptado: 23/01/2026| Publicación en línea: 04/02/2026.

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre as performatividades discursivas e curriculares das chamadas “escolas da verdadeira educação católica”, tomando como objeto empírico os documentos institucionais e as práticas midiáticas de um colégio tradicionalista localizado em Brasília. Fundamentada na perspectiva pós-crítica do currículo, a investigação articula análise documental e etnografia digital para compreender como discursos de autenticidade, pureza doutrinária e tradição encenada produzem regimes de verdade e fabricam identidades confessionais. Os resultados preliminares indicam que o currículo opera como tecnologia cultural que regula modos de vida, moralidades e subjetividades, enquanto o Instagram institucional funciona como dispositivo performativo que estetiza a tradição e reforça fronteiras identitárias. A análise evidencia que a tradição mobilizada não é herança histórica estável, mas encenação contemporânea que responde às ansiedades e disputas do campo educacional católico. Tais achados contribuem para problematizar processos de subjetivação religiosa e reconfigurações neoconservadoras no currículo escolar.

Palavras-chave: Currículo. Pós-Crítica. Educação Católica. Performatividade. Etnografia Digital.

ABSTRACT

This article presents partial results of an ongoing research project on the discursive and curricular performativities of the so-called “schools of true Catholic education,” taking as its empirical object the institutional documents and media practices of a traditionalist school located in Brasília. Grounded in the post-critical perspective of curriculum studies, the investigation combines documentary analysis and digital ethnography to examine how discourses of

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC - GO), Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: rovagueli@gmail.com

² Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil.
E-mail: nascimento.cp@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4317-9269>

authenticity, doctrinal purity, and staged tradition produce regimes of truth and fabricate confessional identities. Preliminary findings indicate that the curriculum operates as a cultural technology that regulates ways of life, moralities, and subjectivities, while the institution's Instagram account functions as a performative device that aestheticizes tradition and reinforces identity boundaries. The analysis shows that the tradition mobilized is not a stable historical legacy, but a contemporary enactment that responds to anxieties and disputes within the Catholic educational field. These findings contribute to problematizing processes of religious subjectivation and neoconservative reconfigurations in the school curriculum.

Keywords: Curriculum. Post-Critical. Catholic Education. Performativity. Digital Ethnography

RESUMEN

Este artículo presenta resultados parciales de una investigación en curso sobre las performatividades discursivas y curriculares de las denominadas “escuelas de la verdadera educación católica”, tomando como objeto empírico los documentos institucionales y las prácticas mediáticas de un colegio tradicionalista ubicado en Brasilia. Fundamentada en la perspectiva poscrítica del currículo, la investigación articula el análisis documental y la etnografía digital para comprender cómo los discursos de autenticidad, pureza doctrinal y tradición escenificada producen regímenes de verdad y fabrican identidades confesionales. Los resultados preliminares indican que el currículo opera como una tecnología cultural que regula modos de vida, moralidades y subjetividades, mientras que el Instagram institucional funciona como un dispositivo performativo que estetiza la tradición y refuerza fronteras identitarias. El análisis evidencia que la tradición movilizada no es una herencia histórica estable, sino una escenificación contemporánea que responde a las ansiedades y disputas del campo educativo católico. Estos hallazgos contribuyen a problematizar los procesos de subjetivación religiosa y las reconfiguraciones neoconservadoras en el currículo escolar.

Palabras clave: Currículo. Poscrítica. Educación Católica. Performatividad. Etnografía Digital.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A emergência recente das chamadas “escolas da verdadeira educação católica” no cenário brasileiro tem reconfigurado debates sobre identidade, tradição e moralidade no campo educacional confessional. Essas instituições reivindicam o estatuto de guardiãs da “autenticidade” doutrinária e de uma suposta pedagogia católica “pura”, articulando discursos teológicos, estéticos e curriculares que circulam tanto em documentos formais quanto em mídias sociais, especialmente no Instagram.

Este artigo decorre de uma pesquisa em andamento que problematiza tais escolas a partir da perspectiva pós-crítica do currículo, entendendo que discursos educacionais não refletem identidades preexistentes, mas as produzem por meio de práticas discursivas, performatividades e tecnologias culturais.

O estudo parte do pressuposto de que o currículo, como afirma Silva (1999), funciona como uma “questão de identidade”, operando regimes de verdade que moldam sujeitos, regulam moralidades e organizam fronteiras de pertencimento.

Em vez de abordar tais instituições como manifestações pedagógicas estáveis ou como meros desdobramentos de tensões teológico-eclesiais, defende-se aqui uma interpretação que desloca o foco para os processos discursivos, performativos e identitários envolvidos na constituição de tais escolas. A investigação parte da compreensão de que discursos sobre autenticidade, pureza doutrinária e retorno a tradições supostamente intocadas não são enunciados teológicos neutros, mas práticas de poder, que regulam modos de ser, de agir e de ensinar.

Na concepção teórica pós-crítica, o currículo não é apenas um documento ou uma seleção de conteúdos: ele é um artefato discursivo, uma prática de governamentalidade (Popkewitz), uma tecnologia cultural (Silva, 1999), uma ficção reguladora (Butler, 1990), uma linguagem de diferenciação (Veiga-Neto, 2003), uma narrativa de subjetivação e memória (Goodson, 2010), um texto ambivalente (Bhabha, 1994), portanto, um dispositivo político que “conta” o sujeito para que esse sujeito possa ser governado.

Tomaz Tadeu da Silva afirma que: “o currículo é sempre uma questão de identidade: trata-se sempre de responder à pergunta ‘quem deve ser o sujeito da educação?’”. Investigar, portanto, a *verdadeira educação católica* exige compreender quem é o sujeito que ela pretende formar e quais modos de vida são defendidos por meio de práticas curriculares, litúrgicas, estéticas e midiáticas. Esse é o ponto de partida deste plano de trabalho (Silva, 1999, p. 32).

Tem se observado a intensificação de disputas discursivas no campo da educação confessional católica, em que diferentes grupos reivindicam o estatuto de guardiões da verdade, da tradição e da autenticidade pedagógica. Essa disputa, entretanto, não se reduz a divergências teológicas ou metodológicas: ela opera como um jogo de enunciações, performances e regimes de verdade que mobilizam categorias como moralidade, doutrina, pureza e correção para produzir fronteiras identitárias e subjetividades específicas.

Tais movimentos não devem ser compreendidos como simples “retornos” ao passado, mas como produções contemporâneas de tradição, aquilo que Bhabha (1994) descreve como a construção de um passado “encenado” que responde mais às ansiedades do presente do que à memória histórica propriamente dita. Do mesmo modo, Popkewitz (2009) demonstra que, discursos pedagógicos que se afirmam salvacionistas ou restauradores operam como dispositivos de governamentalidade: organizam modos de vida, regulam condutas, fabricam “crianças desejáveis” e “infâncias desviantes”, e oferecem ao sujeito condições específicas de existência moral, cultural e religiosa.

Nesse cenário, a emergência das chamadas “*escolas da verdadeira educação católica*”, documentada pelo Relatório da ANEC (2024) e na tese de doutorado de Lima (2025), aparece como síntese exemplar de um processo mais amplo de reconfiguração dos discursos educacionais e confessionais, articulando três elementos: a criação de um *ethos* identitário baseado na ideia de autenticidade e pureza doutrinária; a mobilização de práticas curriculares que se apresentam como tradição incontestável e a estetização midiática dessas práticas, especialmente no Instagram, que converte símbolos religiosos, performances litúrgicas e gestos pedagógicos em imagens reiteráveis, consumíveis e viralizáveis.

É justamente no cruzamento entre discurso, identidade e visualidade que se produz o que Silva (1999) denomina “currículo como tecnologia cultural”, ou seja, um conjunto de práticas discursivas que não apenas selecionam conhecimentos, mas produzem modos de ser, regulam sensibilidades e delimitam fronteiras entre o “nós” e o “outro”. Esses processos convertem o currículo em artefato de poder, capaz de mobilizar afetos, disciplinar corpos, reorganizar percepções e instituir realidades sociais. É nesse terreno discursivo híbrido, tenso, performativo que se inscreve este estudo.

O problema central da pesquisa consiste em analisar: como o currículo da “verdadeira educação católica” fabrica identidades, performa tradição e produz regimes de verdade a partir de seus documentos e de suas práticas estéticas no Instagram?

Assim, o objeto da presente pesquisa é o currículo das escolas da chamada “verdadeira educação católica”, analisado como prática discursiva e performativa que produz identidades religiosas, regula moralidades e fabrica regimes de verdade no contexto da educação católica tradicionalista contemporânea.

Diante do exposto, a pesquisa pretende alcançar os seguintes objetivos: geral: analisar como os discursos curriculares da “verdadeira educação católica” constroem identidades, regimes

de verdade e fronteiras de pertencimento, a partir da análise documental e da etnografia digital no Instagram da escola pesquisada. E como objetivos específicos pretende-se: examinar a produção discursiva da autenticidade e da pureza doutrinária nos documentos institucionais da escola pesquisada; identificar, nas publicações do Instagram, performances de subjetividade religiosa e escolar; compreender quais são os mecanismos discursivos de exclusão, hierarquização e normalização presentes na narrativa da escola pesquisada e explicar como família, infância, moralidade e tradição são produzidas como categorias curriculares.

Metodologicamente é uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e utiliza como procedimentos ser um estudo documental e de etnográfica-digital, orientada pela análise discursiva pós-crítica. O corpus do estudo é: o Projeto Educativo, Regimento Escolar, materiais institucionais diversos (como por exemplo as listas de livros adotados na escola) e publicações do Instagram (*posts, reels, stories*, legendas, *hashtags*, comentários) de um colégio da verdadeira educação católica de Brasília.

Este estudo está estruturado a partir de uma breve apresentação teórica do texto, a organização metodológica da pesquisa, a descrição da pesquisa em andamento, as primeiras considerações sobre o estudo e as referências utilizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pedagogias da Salvação e Fabricação de Identidades: uma Breve Leitura sobre as Escolas da “Verdadeira Educação Católica”

A perspectiva pós-crítica do currículo tem se consolidado como uma das matrizes teóricas mais potentes para compreender fenômenos educacionais que ultrapassam a dimensão técnica ou normativa da escola, deslocando o foco para práticas discursivas, processos de subjetivação, regimes de verdade e disputas identitárias.

Ao contrário das teorias tradicionais do currículo, que buscavam essencializar conteúdos, hierarquizar saberes ou estabelecer critérios universais de validade, a abordagem pós-crítica rompe com o pressuposto de neutralidade e revela o currículo como campo de poder, linguagem e produção cultural. Nesse sentido, como afirma Tomaz Tadeu da Silva, o currículo deve ser entendido como “um texto social que não apenas reflete o mundo, mas o constitui” (Silva, 1999,

p. 32), produzindo modos de ser, pensar e viver. Ele não descreve identidades pré-existentes; ele as fabrica.

A partir dessa chave analítica, fenômenos como a emergência das chamadas *escolas da verdadeira educação católica*, tal como analisadas na tese de doutorado de Lima (2024), não podem ser interpretados como simples divergências metodológicas ou como meras expressões de fidelidade a um magistério tradicional. Trata-se, antes, de práticas discursivas que produzem identidades confessionais específicas, instauram fronteiras de pertencimento, fabricam sujeitos e performam uma ideia particular de tradição.

Em outras palavras, a questão não é se tais escolas “recuperam” ou “preservam” a tradição católica, mas como constroem discursivamente essa tradição, quais elementos privilegiam, quais silenciam e quais modos de vida legitimam ou excluem ao operar com a categoria de “verdade”.

Ball (2013) sustenta que políticas não apenas regulam comportamentos, mas “produzem efeitos de verdade”, criando ambientes nos quais certas narrativas se tornam aceitáveis, desejáveis e moralmente legítimas. Portanto, políticas educacionais, discursos institucionais e práticas escolares são mecanismos de produção de subjetividade. No caso das escolas tradicionalistas católicas, os currículos, documentos institucionais e práticas pedagógicas articulam-se como dispositivos de regulação moral que organizam discursos sobre família, infância, religião, autoridade e pureza doutrinária. Eles constroem um imaginário pedagógico no qual determinados modos de vida católica são naturalizados enquanto outros são entendidos como ameaças ou corrupções.

Essa dimensão reguladora do discurso educacional é aprofundada por Popkewitz (2009) que defende que, discursos educativos que se apresentam como redutores ou restauradores operam como tecnologias de governamentalidade, logo, definem quem deve ser salvo, quem precisa ser corrigido e quem representa risco para a ordem moral.

Ao analisar esses discursos neoconservadores, o autor afirma que “as pedagogias da salvação produzem a diferença que pretendem curar” (Popkewitz, 2009, p. 52). Neste sentido, é possível entender que as fronteiras identitárias criadas pelas escolas católicas tradicionalistas não são efeitos colaterais, mas mecanismos centrais para sua própria afirmação. Assim, quando tais escolas denunciam a “decadência moral”, a “ideologia de gênero”, o “relativismo religioso” ou a “contaminação marxista”, elas simultaneamente constroem a si mesmas como espaços de pureza e verdade, ao mesmo tempo em que produzem um “outro” a ser combatido, corrigido ou excluído.

Ao caminhar na discussão epistemológica sobre o tema, a teoria da performatividade defende que identidades, inclusive as religiosas, não existem como essências, mas como práticas repetidas. Butler (1990) afirma que não há identidade por trás da expressão da identidade; a identidade é constituída por meio da própria expressão, indicando que performances religiosas, litúrgicas, estéticas e doutrinárias não revelam algo pré-existente, mas constituem o sujeito que pretendem expressar.

Assim, a estética medievalizada, os símbolos sacralizados, os códigos de modéstia e as práticas ritualísticas reiteradas nas escolas tradicionalistas neoconservadoras não são apenas manifestações de fé, mas performances que produzem o “sujeito católico idealizado”. Essas performances, que se repetem nos corredores, nas salas de aula e, principalmente, nas redes sociais, criam a ilusão de uma identidade estável e homogênea, quando, na verdade, constituem um processo contínuo de fabricação.

Essa fabricação identitária pode ser aprofundada com Homi Bhabha, que problematiza a noção de tradição pura e propõe a ideia de ambivalência e mimetismo cultural. Para Bhabha (1994), toda tradição é resultado de reinscrições, reinterpretações e disputas, sendo impossível falar de uma cultura “original” ou “essencial”. A tradição encenada pelas escolas tradicionalistas é, nesse sentido, menos uma herança do passado e mais uma invenção presente. Como explica o autor, práticas culturais ganham força quando se apresentam como naturais e atemporais, mas é precisamente essa naturalização que oculta sua historicidade e sua dimensão política. Portanto, a estética da “verdadeira educação católica”, que combina referências pré-conciliares, pedagogias medievais e discursos morais contemporâneos, opera como um caso típico de tradição inventada.

No campo das pedagogias da infância, Walkerdine (1999) sustenta que, a infância é um projeto moral e político, não uma etapa universal e neutra da vida humana. Assim, quando as escolas tradicionalistas constroem narrativas sobre a criança pura que deve ser protegida da modernidade, da diversidade, da cultura digital ou da pluralidade religiosa, elas produzem uma infância disciplinada, controlada e moldada segundo uma moralidade específica. Essa criança não é um dado biológico; é um dispositivo discursivo.

O currículo funciona como narrativa legitimadora; para Goodson (2010), os currículos contam histórias sobre a cultura, determinando o que deve ser preservado, o que deve ser transmitido e o que deve ser silenciado. Ao reivindicarem fidelidade absoluta à doutrina, as escolas tradicionalistas utilizam o currículo como narrativa de autoridade, posicionando-se como

guardiãs da memória católica, ainda que essa memória seja seletiva, parcial e retoricamente construída.

A contribuição de Lather e Cannella aprofunda essa dimensão ao deslocar a discussão para os limites da racionalidade moderna. Lather (1991) propõe uma epistemologia pós-crítica que rompe com a certeza epistemológica e com narrativas totalizantes, defendendo que toda construção teórica deve assumir sua parcialidade, seus silêncios e suas tensões. Já Cannella (1997), por sua vez, descentraliza a racionalidade adulta e moderna que organiza a infância, mostrando como discursos de proteção e moralidade produzem crianças disciplinadas, silenciadas e governadas por adultos. Esses aportes permitem compreender que discursos sobre pureza, proteção e doutrina não são apenas teológicos, mas também dispositivos de controle epistemológico e moral que se manifestam no currículo escolar e nas narrativas apresentadas nas redes sociais das escolas de “verdadeira educação católica”.

O currículo é uma conversação complicada; nenhum currículo é estável, puro ou homogêneo; todo currículo é campo de tensão, ruptura e ambivalência (Pinar, 2012). Essa compreensão é especialmente relevante no contexto das escolas da “verdadeira educação católica”, pois revela que a tentativa de produzir uma educação homogênea, estável e teologicamente pura é, na verdade, um gesto profundamente moderno porque busca eliminar a complexidade, o dissenso e a pluralidade próprios da experiência humana e da própria tradição católica.

Diante de todos esses elementos, torna-se possível compreender que o fenômeno da “verdadeira educação católica” deve ser lido como produção discursiva e performativa de verdade, tradição e identidade, não como mera recuperação de um passado perdido. O currículo dessas escolas opera como tecnologia cultural que produz sujeitos, regula moralidades, invisibiliza diferenças, naturaliza hierarquias e estetiza práticas religiosas como parte de uma política de subjetivação. É nesse campo de tensões discursivas, performativas e identitárias que se insere a presente pesquisa.

METODOLOGIA

A construção do percurso metodológico desta pesquisa parte do pressuposto pós-crítico de que investigar o currículo significa analisar regimes discursivos, performances identitárias,

tecnologias culturais e modos de subjetivação que constituem, regulam e autorizam aquilo que é compreendido como “verdadeira educação católica”.

Tal enquadramento metodológico rompe com a noção moderna de método como caminho linear, neutro ou cumulativo, entendendo, como afirma Lather (1991), que toda pesquisa é uma prática situada, parcial, contingente e politicamente implicada.

A metodologia, nesse horizonte, não é apenas instrumento, mas também discurso: ela participa da produção daquilo que torna visível ou invisível, legítimo ou ilegítimo no objeto investigado. Assim, o percurso metodológico não descreve um caminho externo ao fenômeno, mas integra-se à própria constituição do problema de pesquisa.

Assumir uma abordagem qualitativa, documental e etnográfica-digital significa compreender, com Pinar (2012), que o currículo deve ser lido como uma “conversação complicada”, uma tessitura textual que reúne memórias, afetos, história, identidades, narrativas, performances e disputas. Tal compreensão desloca o foco da coleta de dados para o processo discursivo, reconhecendo que documentos institucionais, discursos escolares e postagens no Instagram não são meras fontes neutras, mas artefatos culturais que performam regimes de verdade, constroem posições de sujeito e organizam fronteiras de pertencimento.

Nesse sentido, as escolas que se afirmam portadoras da “verdadeira educação católica” não são tratadas como objetos a serem descritos, mas como produtoras de discursos e práticas que fabricam determinadas identidades confessionais conforme argumentam Silva (1999) e Popkewitz (2009).

O enfoque metodológico desta pesquisa articula duas dimensões interdependentes: a análise documental, que examina o Projeto Educativo, o Regimento Escolar e outros materiais institucionais da escola selecionada; e a etnografia digital, voltada às práticas performativas disseminadas no Instagram onde a instituição constrói, repete e estetiza os signos que definem sua identidade.

Como explica Hine (2015), a etnografia digital considera o ambiente online não como simples extensão do real, mas como espaço de produção de sentidos, performances e subjetivações próprias, onde se consolidam narrativas e materialidades mais influentes do que os discursos formais. Nesse horizonte, compreender como a escola performa sua identidade no Instagram é condição para compreender como o currículo é publicamente encenado, legitimado e consumido.

A análise documental adota pressupostos pós-críticos, partindo do entendimento de que documentos não expressam neutralidade administrativa, mas funcionam como discursos que “contam histórias” sobre a infância, a família, a moral, a tradição e a verdade, categorias que, como demonstram Goodson (2010) e Apple (2004), são centrais na disputa curricular contemporânea. Assim, Projeto Educativo, Regimento e materiais institucionais serão analisados como textos que produzem narrativa, constroem legitimidade, mobilizam afetos e sustentam regimes de verdade que reivindicam a autenticidade católica. Em vez de buscar coerências internas, a análise buscará rupturas, silêncios, exclusões, hierarquias e estratégias de normalização presentes nesses textos.

A etnografia digital, por sua vez, se justifica porque é nas redes sociais, especialmente no Instagram, que tais escolas performam publicamente a estética da tradição, a moralidade desejada, a infância idealizada e a família normativamente constituída. As postagens serão tratadas como performances identitárias, conforme sugere Butler (1990), e como encenações de tradição, conforme argumenta Bhabha (1994).

A presença recorrente de símbolos pré-conciliares, indumentárias litúrgicas, gestos corporais disciplinados, uniformes, códigos de modéstia, imagens sacralizadas e discursos moralizantes será interpretada como fabricação de um sujeito católico idealizado, não como expressão natural de religiosidade. Essas performances digitais configuram o que Popkewitz (2009) chama de “pedagogias da salvação”, práticas que produzem a diferença que pretendem combater ao demarcar fronteiras rígidas entre pureza e decadência, ordem e desordem, tradição e modernidade.

Assim, analisar o Instagram da escola não significa compreender sua comunicação institucional, mas desvelar processos de fabricação de identidades e regimes de verdade que sustentam o próprio projeto pedagógico. Ainda, a pesquisa preserva o anonimato institucional e não interage com sujeitos nas redes sociais, seguindo princípios de etnografia não intrusiva.

A análise será orientada pelo método da Análise Discursiva Pós-Crítica, que não busca categorias universais, mas rupturas, deslocamentos, invenções e disputas que constituem o campo discursivo. Em vez de categorias prévias, trabalha-se com conceitos operatórios derivados do próprio objeto, tais como: autenticidade, pureza, tradição inventada, infância disciplinada, família normativa, moralidade pública, regime de verdade e performatividade católica. Essas categorias emergem de tensões documentais e linguagens digitais, funcionando como operadores analíticos flexíveis, abertos e provisórios.

O corpus da pesquisa será constituído por: Projeto Educativo da escola, Regimento Escolar, materiais institucionais complementares (listas de livros, documentos de orientação, materiais de marketing), posts, reels, stories, legendas e hashtags do perfil institucional no Instagram, selecionados a partir de três meses consecutivos de observação digital, comentários públicos no Instagram que performem adesão, resistência ou tensão com as narrativas institucionais.

A pesquisa segue o rigor ético exigido pelas ciências humanas, assegurando anonimização da instituição e dos sujeitos envolvidos, exceto quando se tratar de conteúdo público institucional. A presença da pesquisadora como observadora nas redes digitais será orientada pelos princípios da etnografia não intrusiva, conforme recomendado por Hine (2015), sem interação direta com seguidores, alunos, pais ou funcionários.

Para evitar projeções subjetivas decorrentes da familiaridade com o campo educacional confessional, mobiliza-se a distinção de Geertz (2013) entre “experiência próxima” e “experiência distante”, buscando continuamente deslocar o olhar da pesquisadora para observar como os discursos se estruturam, mais do que para julgar sua coerência teológica ou pedagógica. Assim, o percurso metodológico é sustentado por reflexividade epistemológica contínua, reconhecendo que, como indica Lather (1991), toda pesquisa pós-crítica deve assumir a impossibilidade da neutralidade e trabalhar a partir dessa consciência.

O processo analítico seguirá movimentos circulares característicos da hermenêutica pós-crítica: leitura flutuante; identificação de enunciados; construção de contrastes discursivos; análise da estética performativa; descrição das práticas de normalização; e elaboração de interpretações sobre os regimes de verdade. Não se busca verdades estáveis, mas iluminar os modos como essas escolas constroem aquilo que chamam de verdade.

Ao final, o percurso metodológico permitirá responder ao problema central da pesquisa: como o currículo da “verdadeira educação católica” fabrica identidades, performa tradição e produz regimes de verdade a partir de seus documentos e de suas práticas estéticas no Instagram?

A metodologia, longe de um conjunto de técnicas, é aqui compreendida como parte constitutiva da própria análise, permitindo desestabilizar certezas, revelar disputas e produzir leituras críticas que contribuam para compreender a crescente presença dessas instituições no campo da educação católica contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares da pesquisa indicam que as escolas que reivindicam a chamada “verdadeira educação católica” produzem, por meio de práticas discursivas e performativas, um conjunto de significados que não apenas descrevem uma identidade previamente existente, mas a fabricam ativamente nos interstícios entre documentos institucionais e mídias digitais. Essa fabricação ocorre por meio de repertórios estéticos, morais e afetivos que constroem uma tradição encenada e conferem ao currículo a função de tecnologia cultural voltada à produção de subjetividades moralmente reguladas.

O primeiro processo identificado diz respeito à tradição como encenação performativa. As postagens no *Instagram* adotam uma estética medievalizada, marcada por símbolos sacralizados, indumentárias pré-conciliares e enquadramentos imagéticos que evocam uma continuidade histórica artificial. Nessa perspectiva, o que se observa não é a preservação de uma tradição orgânica, mas sua reconstrução estética, alinhada à ideia de “tradição inventada” proposta por Bhabha (1994), na qual o passado é continuamente reinterpretado para responder a demandas identitárias do presente.

Essa prática de reinscrição do passado, ao mesmo tempo que busca legitimar-se como memória fiel, revela-se como performance situada e contingente. A estética de antiguidade, cuidadosamente encenada, opera como dispositivo de poder que naturaliza uma narrativa única de catolicidade, eliminando a pluralidade constitutiva da história da Igreja e cristalizando um modelo de tradição monolítica que atende às necessidades políticas e morais do grupo.

O segundo processo diz respeito ao predomínio do regime discursivo da pureza, que emerge como eixo central da organização simbólica da escola. Documentos institucionais e postagens digitais mobilizam constantemente a retórica da pureza doutrinária, moral e comportamental, posicionando a instituição como guardiã da verdade católica e distinguindo-a de outras práticas educativas percebidas como contaminadas pela modernidade, pelo pluralismo ou por perspectivas pedagógicas críticas.

A ênfase na pureza funciona, conforme argumenta Popkewitz (2009), como mecanismo de governamentalidade. A construção discursiva de um espaço supostamente imaculado implica simultaneamente a produção de um “outro moral”, a escola laica, a pedagogia progressista, a diversidade de gênero, a cultura digital, que passa a operar como ameaça à identidade católica

desejada. Assim, a pureza não é apenas um valor moral, mas um dispositivo regulador que organiza modos de ver, sentir e viver.

O terceiro processo evidencia a fabricação da infância disciplinada. Nas narrativas institucionais e nas imagens veiculadas nas redes, a criança aparece como sujeito obediente, modesto, devoto e vulnerável, cuja pureza deve ser protegida pela escola. Tal construção, como aponta Walkerdine (1999), não é expressão natural da infância, mas projeto político que legitima formas de controle moral e disciplinamento dos corpos e afetos infantis.

A infância representada nesses discursos é moldada por expectativas normativas que reforçam papéis de gênero tradicionais, a centralidade da família heteronormativa e um imaginário moral rígido. A criança idealizada, disciplinada e silenciosa funciona como recurso simbólico que legitima a própria existência da escola como espaço de proteção e correção moral, reforçando narrativas de decadência da sociedade contemporânea.

O quarto processo identificado refere-se à estetização da moralidade no Instagram, onde a rede social se constitui como extensão performativa do currículo. Nessa plataforma, práticas litúrgicas, uniformes, posturas corporais, símbolos e rituais tornam-se narrativas visuais reiteráveis, convertendo-se em mecanismo de subjetivação que produz e normaliza o “sujeito católico idealizado”.

A estetização da moralidade transforma elementos cotidianos da vida escolar em performances identitárias. A repetição imagética de Missas, procissões, adorações, códigos de modéstia e gestos disciplinados opera como prática de fabricação de subjetividades, em consonância com a noção de performatividade de Butler (1990). As imagens não revelam quem o sujeito é; elas o constituem.

O currículo, nesse cenário, ultrapassa a dimensão textual ou normativa e se converte em dispositivo estético-político que regula sensibilidades, afetações e formas de pertencimento. A rede social, mais do que meio de comunicação, torna-se mecanismo de governamentalidade visual que produz efeitos de verdade e naturaliza hierarquias simbólicas, tal como discutido por Silva (1999) ao tratar do currículo como tecnologia cultural.

O quinto processo observado consiste na produção de fronteiras identitárias rígidas. Os discursos delineiam nítidas dicotomias entre tradição e modernidade, pureza e decadência, verdade e relativismo, reforçando a distinção entre “nós” (os verdadeiros católicos) e “eles” (os desviantes, externos ou contaminados). Essas fronteiras constituem o currículo como instrumento de diferenciação moral e identitária.

A construção do “outro” é central para a consolidação da identidade da escola. Como argumenta Popkewitz (2009), as pedagogias da salvação dependem da fabricação daquilo que pretendem salvar ou corrigir. Assim, a imagem de um mundo moderno caótico, moralmente decadente e pedagogicamente relativista funciona como antagonista necessário à afirmação da escola como espaço de verdade e ordem.

No campo específico da educação católica, essas fronteiras reforçam disputas internas entre diferentes concepções de tradição, liturgia, pedagogia e moralidade. A escola observada busca afirmar-se como expressão autêntica da fé, silenciando outras possibilidades de ser católico e reduzindo a pluralidade eclesial a um modelo único de ortodoxia.

A discussão desses resultados à luz do referencial pós-crítico permite compreender que a tradição reivindicada não é um objeto estável, mas construção deliberada, marcada por ambivalências e tensões. Para Bhabha (1994), toda tradição é reinscrição e negociação, e sua força deriva justamente da aparência de naturalidade que obtém por meio de performances reiteradas.

A performatividade religiosa observada nas redes confirma que identidades não são substâncias, mas efeitos discursivos. A repetição de signos litúrgicos e comportamentais, conforme Butler (1990), não reflete a essência do sujeito católico, mas produz a ilusão de continuidade, coerência e permanência. O *Instagram*, nesse sentido, atua como palco privilegiado dessa repetição.

Os efeitos dessa estética da tradição são amplificados pela lógica das redes sociais, que privilegia visibilidade, replicação e consumo simbólico. Assim, práticas religiosas tornam-se performances públicas que geram adesão afetiva, constituindo um currículo paralelo, o currículo midiático, que opera com força igual ou superior ao documento escolar formal.

A análise parcial dos dados indica ainda que o currículo formal não pode ser compreendido isoladamente. Ele se articula com práticas performativas e imagéticas que o reafirmam ou o complementam, configurando um ecossistema discursivo híbrido, no qual texto e performance se entrelaçam para produzir regimes de verdade.

O currículo, portanto, não se limita a selecionar saberes, mas fabrica modos de vida, organiza moralidades e produz identidades por meio de dispositivos estéticos, afetivos e discursivos. Essa compreensão corrobora a perspectiva de Pinar (2012), segundo a qual o currículo é uma “conversação complicada” permeada por disputas, negociações e instabilidades.

Os resultados também dialogam com Apple (2004) e Goodson (2010), que apontam o currículo como campo de disputa política e cultural. No caso da “verdadeira educação católica”, essa disputa manifesta-se na produção de narrativas exclusivistas que reconfiguram hierarquias e afirmam a escola como espaço de resistência à modernidade, reforçando a dicotomia entre identidade verdadeira e identidade desviada.

Os achados preliminares demonstram que a articulação entre documentos institucionais e performances digitais produz uma política de subjetivação fundada na pureza, na tradição encenada e na moralidade estetizada. Tal política, longe de ser neutra ou meramente pedagógica, opera como dispositivo de diferenciação, poder e controle simbólico no campo da educação católica contemporânea. A análise pós-crítica revela, assim, que o currículo da “verdadeira educação católica” é menos uma recuperação do passado e mais uma construção política do presente.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite compreender que o fenômeno das chamadas escolas da “verdadeira educação católica” não pode ser reduzido a uma simples opção pedagógica, a uma divergência metodológica ou a um retorno neutro a práticas educativas do passado. Ao contrário, trata-se de uma produção discursiva e performativa complexa, na qual currículo, tradição, moralidade e identidade são continuamente fabricados, regulados e legitimados por meio de dispositivos textuais e estéticos.

Ancorada na perspectiva pós-crítica do currículo, a pesquisa evidenciou que o currículo opera como tecnologia cultural e política de subjetivação. Ele não apenas organiza conteúdos e práticas escolares, mas produz modos de vida, regula moralidades, delimita pertencimentos e estabelece fronteiras identitárias rígidas. Nesse processo, discursos de pureza doutrinária, autenticidade religiosa e proteção da infância funcionam como regimes de verdade que naturalizam hierarquias e silenciam a pluralidade constitutiva da tradição católica.

Os resultados preliminares demonstram que a tradição mobilizada por essas instituições não corresponde a uma herança histórica estável ou essencial, mas a uma encenação contemporânea, cuidadosamente construída para responder a disputas internas do campo educacional católico e a ansiedades geradas pela modernidade, pelo pluralismo e por perspectivas pedagógicas críticas. A estética medievalizada, os símbolos sacralizados e os códigos morais

reiterados operam como performances que produzem a ilusão de continuidade, coerência e pureza, ocultando sua historicidade e dimensão política.

A articulação entre documentos institucionais e práticas digitais revelou-se central nesse processo. O Instagram institucional emerge como extensão performativa do currículo, funcionando como dispositivo privilegiado de estetização da moralidade e de fabricação do “sujeito católico idealizado”. As redes sociais ampliam os efeitos do currículo ao transformar práticas escolares e religiosas em narrativas visuais reiteráveis, produzindo adesão afetiva e consolidando um currículo midiático que, muitas vezes, opera com força equivalente ou superior ao currículo formal.

Outro achado relevante refere-se à produção de fronteiras identitárias. As escolas analisadas constroem dicotomias marcadas entre tradição e modernidade, pureza e decadência, verdade e relativismo, estabelecendo um “nós” moralmente superior em oposição a um “outro” percebido como ameaça. Essas fronteiras não são efeitos colaterais, mas mecanismos centrais de afirmação institucional, alinhando-se ao que Popkewitz denomina pedagogias da salvação, nas quais a diferença é produzida para ser combatida ou corrigida.

Nesse sentido, a pesquisa contribui para problematizar processos contemporâneos de neoconservadorismo no currículo escolar, evidenciando como discursos religiosos, pedagógicos e midiáticos se entrelaçam na produção de subjetividades normativas. Ao deslocar o olhar da autenticidade teológica para os modos de fabricação da verdade, o estudo revela que o currículo da “verdadeira educação católica” é menos um resgate do passado e mais uma construção política do presente.

Por fim, este trabalho reafirma a potência das abordagens pós-críticas para a análise do currículo, ao permitir desnaturalizar certezas, expor disputas e compreender o currículo como espaço de ambivalência, tensão e performatividade. Ao iluminar os modos como essas escolas produzem verdade, tradição e identidade, a pesquisa abre caminhos para investigações futuras sobre a relação entre religião, mídia digital, currículo e políticas de subjetivação no campo educacional contemporâneo, especialmente no contexto da educação confessional.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <https://www.artmed.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BALL, Stephen J. **Políticas educacionais: teoria e método de pesquisa**. Tradução de Jorge Ramos do Ó. Ponta Grossa: UEPG, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/44859009>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/locationofcultur0000bhah>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990. Disponível em: <https://www.routledge.com/Gender-Trouble/Butler/p/book/9780415389556>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CANNELLA, Gaile S. **Deconstructing early childhood education: social justice and revolution**. New York: Peter Lang, 1997. Disponível em: <https://www.peterlang.com/document/1055211>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013. Disponível em: <https://ltc.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GOODSON, Ivor F. **Narrativas do currículo: história e identidade**. Petrópolis: Vozes, 2010. Disponível em: <https://www.livrariavozes.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury Academic, 2015. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/uk/ethnography-for-the-internet-9780857855701/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LATHER, Patti. **Getting smart: feminist research and pedagogy with/in the postmodern**. New York: Routledge, 1991. Disponível em: <https://www.routledge.com/Getting-Smart/Lather/p/book/9781138150254>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LIMA, Roberta Valéria Guedes de. **Homeschooling e os desafios à educação democrática no Brasil**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2025. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/5270/2/Roberta%20Valeria%20Guedes%20de%20Lima.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

PINAR, William F. **What is curriculum theory?** 2. ed. New York: Routledge, 2012. Disponível em: <https://www.routledge.com/What-Is-Curriculum-Theory/Pinar/p/book/9780415997270>. Acesso em: 17 nov. 2025.

POPKEWITZ, Thomas S. **A fabricação do sujeito escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <https://www.artmed.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Disponível em: <https://autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <https://autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2025.

WALKERDINE, Valerie. **Daddy's girl: young girls and popular culture**. London: Macmillan, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-349-15086-7>. Acesso em: 17 nov. 2025.